

## **FACECRIME, IMPESSOA E INGSOC: A LÍNGUA ARTIFICIALENQUANTO ELEMENTO CONDICIONANTE DO SUJEITO NA DISTOPIA 1984**

Karol GARCIA\*  
Isabella MOZZILLO\*\*

*Abstract: Since Plato, the human being looks for the social equality and decentralized state's society. The representation of this thought in art and literature was called 'utopia', a positive view about the future. In XXI century, it was observed that utopia became dystopia, a bad expectation of humanity's future. This work analyses the relationship between artificial languages, utopia-dystopia and society. The object of study is '1984', novel written by George Orwell and his artificial language: newspeak, which will be semantically and morphologically analysed.*

*Keywords: Utopia, dystopia, dictatorship, ideology, artificial languages*

### **1. O que são as línguas artificiais**

Este trabalho visa a observar a relação entre a *distopia*<sup>1</sup> ou contra-utopia e a realidade. Isto é, em que aspectos a construção deste gênero é baseada na realidade, como as semelhanças entre ambos são postas. Ainda no início do estudo, levantou-se a hipótese de que a língua é um fator essencial na criação de referências entre ambos os mundos. E sendo a distopia, um gênero que retrata o autoritarismo, nessas obras a língua é apresentada como um meio de domínio sobre o indivíduo.

Uma vez vista a proposta, entende-se que a fim de confirmar a hipótese levantada, é necessário recorrer a diversas áreas do conhecimento, ainda que o foco esteja nos estudos linguísticos: morfológico e semântico. Porém antes de chegar às análises, é necessário um entendimento prévio sobre o que são estas línguas artificiais, quais foram os seus papéis ao longo da história e quais foram seus trajetos até atingirem as obras de distopia.

Primeiramente, é preciso refletir sobre o que se passa no processo de produção das línguas artificiais, quem as cria, como esse pesquisador as desenvolve e quais são os motivos que o levam a isso. É importante que outra questão seja rapidamente esclarecida: a comparação entre línguas naturais e artificiais pode não ser interessante quando o esperado é que o artificial cumpra as mesmas funções do natural. Colocar esses dois conceitos lado a lado a fim de observar como eles se apóiam é um meio de chegar à compreensão de ambos, e é a partir dessa forma de comparação que este trabalho é construído.

---

\* Acadêmica do oitavo semestre do curso de Letras Português e Francês e respectivas literaturas da UFPel e integrante do grupo de pesquisa "Línguas em contato" coordenado pela professora Isabella Mozzillo.

\*\* Professora doutora do Departamento de Letras Estrangeiras da Faculdade de Letras da UFPel e coordenadora do grupo de pesquisa do CNPq "Línguas em contato".

<sup>1</sup> "'Utopia', segundo Thomas More, significa 'lugar nenhum': Um lugar que não se situa em lugar algum; uma presença ausente, uma realidade irreal. [...] A **contra utopia** será o reflexo das novas aspirações: da ascensão do 'eu' em frente a um 'nós' é uma delas. A literatura tomará partido do indivíduo diante do que a coletividade pode apresentar como contrapartida à opressão de certos regimes. Neste sentido, (a distopia) é o produto de uma sociedade de consumo que favorece o desenvolvimento de um ego cada vez mais exigente, de valores hedônicos, da contestação da autoridade e do que ela defende com maior intensidade: O sagrado. Tradução livre de trecho extraído de FAYE, Henrique. *Les contre-Utopies*. In: Dossier du Magazine Littéraire. Mai, 2000.

O interesse nas línguas artificiais é na maioria das vezes restrito aos linguistas e escritores, porém existem algumas exceções. Quando nas mãos de linguistas, esses idiomas tornam-se instrumentos para repensar os processos presentes nas línguas naturais, já que uma vez que uma língua é construída, são inerentes a ela alguns aspectos de algumas línguas naturais ou de algum modo de linguagem existente. Isto é, para criar uma língua é necessário um profundo conhecimento de gramática, morfologia, fonologia, seja ele sobre a língua materna ou sobre segundas línguas. Esse conhecimento não somente é utilizado, como também é explícito dentro da língua artificial, podendo ela apontar às línguas naturais ‘de base’ através do seu alfabeto, léxico, declinações e flexões.

Apesar de as línguas artificiais necessitarem das línguas naturais no seu processo de criação, elas não são utilizadas quando há necessidade real de comunicação, ou seja, uma língua artificial nunca será a língua materna de um indivíduo. Porém, ela poderá ser a sua segunda língua, sendo assim utilizada em ocasiões particulares. Isso ocorre, primeiramente porque as línguas naturais já se desenvolvem em um ambiente/situação onde a interação entre dois povos que dominam códigos linguísticos diferentes se faz intensamente necessária. Enquanto que uma língua artificial é o resultado calculado de um exercício formal sobre linguagem, construído por um indivíduo ou mais, porém sem a necessidade de interação.

Contudo, algumas línguas artificiais foram criadas dentro do propósito de se assemelharem às línguas naturais: são elas as línguas universais. O objetivo dos seus criadores era o de estabelecer uma língua que pudesse ser utilizada como forma de comunicação entre o mundo todo, porém sem ser relacionada a nenhuma nação. Esse idioma deveria possuir uma gramática bastante simplificada e que teoricamente fosse de fácil aprendizado para os falantes nativos de línguas de qualquer continente.

O que ocorreu foi que somente no século XIX surgiram entre 700 e 800 línguas universais, algumas bastante criativas, como, por exemplo, o *solresol*<sup>2</sup> de François Sudre, língua baseada no sistema musical ocidental e que através do uso das sete notas musicais “do, re, mi, fa, sol, la e si” poderia ser adaptada de diversas formas, são elas: a escrita, com a utilização das sete notas musicais constituindo o ‘alfabeto’ ou o uso de sinais estenográficos; a música e ou a transmissão de vibrações além de também ser expressa em cores.

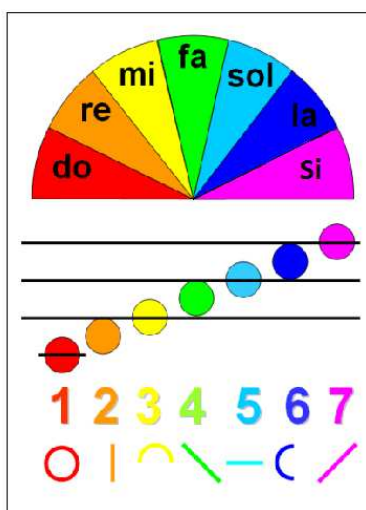


Fig. 1 Quadro representativo das adaptações

<sup>2</sup> STÖRIG, Joaquim Hans. *A Aventura das Línguas*. São Paulo. Companhia Melhoramentos, 1990. Capítulo XIV. Página 248.

Na escrita do *solresol*, cada nota musical equivale a uma sílaba e a construção de cada palavra possui no máximo cinco das sete sílabas que constituem todos os elementos da escrita dessa língua. Existem sete palavras monossílabas, 49 dissílabas, 336 trissílabas e 2.268 de quadro sílabas exatamente. Outro traço interessante do idioma de Sudre é a formação dos antônimos onde o sentido é invertido através da inversão dos elementos formadores das palavras.<sup>3</sup> (GAJEWSKI, 1997). Exemplos:

- a) *Misol* adj. bom;
- b) *Solmi* adj. mau;
- c) *Sml* [Sol-mi-la] adj. fácil;
- d) *Lms* [la – mi – sol] adj. difícil;
- e) *Fs* [fa-sol] adj., adv. muito, bem; e
- f) *Sf* [sol-fa] pron. Adj., adv., sm., pouco, mal

Como já remete o título, a língua pode ser expressa através da leitura de partituras, o idioma de Sudre também pode ser musicado e ou adaptado a uma espécie de código Morse (segunda imagem de cima para baixo), porém, de acordo com Gajewski, não é necessário qualquer conhecimento relativo à música para que haja compreensão completa do *solresol*.

Quanto à possível aplicação da língua às cores, usa-se a imagem na transmissão da mensagem desejada. Neste sistema, cada sílaba corresponde a uma das sete cores do espectro. Apesar de ter contemplado em sua língua muitas formas de linguagem, Sudre a criou como um sistema demasiadamente *a priori*<sup>4</sup> para ser adquirido por um grande número de pessoas (STÖRIG, 1990).

Outro idioma artificial criado durante o século XIX pode ser citado, o *universal*<sup>5</sup>, criado pelo padre espanhol Bonifácio Sotos Ochando. Nesse sistema, cada letra do alfabeto é detentora de um campo de significado ou classe gramatical. O sentido exato das palavras é delimitado de acordo com a adição de sufixos. Por exemplo, na formação da palavra *eruba*, que significa camelo, a letra ‘e’ indica seres vivos, o ‘r’ reduz as interpretações aos animais vertebrados, o ‘u’ especifica que esse animal é mamífero, a letra ‘b’ é destinada aos ruminantes sem chifres e por fim, o ‘a’ desvenda que se trata de um camelo (RÓNAI, 1970).

O resultado desses quatro níveis de especificações foi uma língua onde não há possibilidade de ambiguidades e ironias, ou seja, a exatidão de uma língua científica, justamente o que procuravam os linguistas da época. No entanto, o *universal* não alcançou popularidade, pois, assim como o *solresol*, o seu sistema estava muito distante das línguas naturais: um possível usuário do idioma deveria decorar os sentidos possíveis de cada letra e ainda calculá-los na formação de palavras, dificultando o ato de comunicação ao invés de simplificá-lo.

A artificialidade excessiva dos idiomas citados acima pode ser atribuída ao fato de que ambos são classificados como *a priori*, aceção dada às línguas planejadas não baseadas em idiomas naturais. Uma observação um tanto óbvia se faz necessária, nenhuma língua artificial, mesmo *a priori* está livre da influência de formas de linguagem já existentes. Então, mesmo que o *universal* e o *solresol* tenham sido construídos *a priori*, eles foram criados sobre algum modo de linguagem pré-existente. No primeiro, as letras utilizadas são as do alfabeto latino e no segundo, a construção da língua é baseada no sistema musical ocidental.

<sup>3</sup> GAJEWSKI, Bolesas. *Solresol or the universal language of François Sudre*. 1997. Fonte URL: <http://www2.polarnet.com/~srice/solresol/sorsoeng.htm> (05/2009)

<sup>4</sup> *A priori*, neste caso, qualificaria uma língua artificial que não possui influência evidente das línguas naturais. (referência idem nota 5).

<sup>5</sup> RÓNAI, Paulo. *Babel e Antibabel*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. Capítulo IX: Visita a duas línguas filosóficas.

Se o problema diagnosticado em algumas dessas línguas, foi a sua “artificialidade”, então uma pergunta se torna cabível: ‘Por que não utilizar uma língua franca natural?’ É possível fazer um breve histórico dessas línguas dentro de um período recente. O latim foi utilizado como o idioma de divulgação internacional das artes e do conhecimento do século XIV ao século XIX. O francês foi a língua da diplomacia durante o século XVIII e o seguinte e finalmente o inglês, idioma que predominou nas relações econômicas do século XX, ainda é utilizado na atualidade.

Foi observado o fato de que nenhuma dessas línguas ficou de forma permanente como língua franca e que a expansão e predominância de qualquer uma delas estava ou está ligada aos poderes econômicos e políticos das nações que as falam.

Contemplando esse histórico, um grupo de linguistas buscou nas línguas naturais – francas ou não - o impulso de suas línguas planejadas. Outro, já no século XX, utilizou apenas o inglês, aplicando-lhe algumas variações como tentativa de construção de uma língua realmente universal.

O *basic english* é um bom exemplo de *língua adaptada* (PASSINI, 1993) de um idioma natural. Os motivos da escolha do idioma inglês parecem óbvios, porém é necessário citá-los. Segundo Rónai (1970), ele é o único idioma portador de uma gramática passível de ser adaptada ao mundo ocidental e oriental, pois apresenta elementos do chinês, como a simplificação da conjugação verbal e forte influência do léxico grego e latino. A simplificação desse idioma, proposta por C.K.Odgen consistia em reduzir o número de vocábulos em oitocentos e cinquenta, sendo a maioria substantivos e adjetivos. O número de verbos chega a ser resumido em apenas dezoito. Odgen dizia que poderia simplificar a gramática dessa língua em apenas uma folha, o que de fato ocorreu, ainda que houvesse algumas derivações de palavras utilizadas no *basic* que não foram apresentadas nessa explanação.

O principal problema apontado nesse idioma foi a permanência de alguns aspectos das irregularidades da língua inglesa apesar da simplificação do léxico, como por exemplo, a desinência verbal na 3ª pessoa do singular marcada com *-s*, que poderia ser suprimida, igualando a conjugação do presente do indicativo em todas as pessoas. Alguns plurais irregulares também foram preservados, tais como **- feet, foot; - woman, women**. Esse aspecto pode ser visto como inadequação do idioma em relação ao propósito das línguas universais, já que esse tipo de construção era normalmente impulsionado pelo anseio de criação de um sistema lógico, simples de ser apreendido e livre do caráter irregular das línguas naturais.

Outro projeto de língua adaptada também foi proposto por um grupo titulado *International Auxiliary Language Association* ou IALA. Essa entidade era formada por pesquisadores da linguagem e seus financiadores, que estavam interessados em solucionar o problema de uma língua auxiliar internacional. Após várias tentativas de construir uma língua artificial, os estudiosos observaram que a língua universal poderia estar embutida nas línguas naturais, ou melhor, traços do léxico e da gramática que algumas línguas possuem em comum.

O projeto foi nomeado *interlíngua*<sup>6</sup>. Nele aspectos semelhantes entre sete línguas – inglês, francês, espanhol, português, italiano, alemão e russo - foram reunidos em uma gramática simplificada. Nesse idioma, o artigo não concorda em gênero ou número; não há irregularidades nas flexões verbais; o plural é formado pela adição da letra *-s* e na maioria dos casos, os advérbios são formados através da soma do prefixo **-mente**.

A *interlíngua* foi construída não sob a criatividade ou erudição de um inventor, mas sim sob um fato lingüístico sólido, os *universais lingüísticos*. De acordo com Chomsky (1965), existem elementos comuns em todas as línguas do mundo, por exemplo, a presença do

---

<sup>6</sup> As sete grandes línguas do mundo reunidas numa única. Site: [www.interlingua.org.txt/pt/7línguas.html](http://www.interlingua.org.txt/pt/7línguas.html) (02/2004) sem referência do autor.

som [a]. Essa seria uma das evidências para explicar o que ele chamava de *inatismo* – a linguagem como uma faculdade inerente ao homem. Dessa forma, buscar esses universais é procurar as características específicas da faculdade em questão. Baseando-se nisso, os criadores da *interlíngua* uniram as características lexicais e gramaticais mais comuns entre os idiomas inglês, francês, espanhol, alemão, português, italiano e russo.

Apesar de a lógica de criação da *interlíngua* apresentar relações científicas bastante conceituadas e, segundo os seus autores, ser compreendida por cerca de um bilhão de indivíduos, desde que estes tenham como língua materna um dos sete idiomas utilizados, ela foi mais um projeto que não alcançou a popularização. Contudo, ainda hoje, cinquenta e oito anos após ter sido apresentada, ainda podem ser encontrados *sites* de divulgação desse idioma na internet.

Dentro dessa sucessão de criação de idiomas artificiais, apenas um foi utilizado por um longo período de tempo em relações internacionais: o *esperanto* do polonês Ludwig Zamenhof, definido como um idioma *a posteriori*<sup>7</sup>, foi criado sobre o grego, o latim, o alemão e o polonês. Essa foi a única língua universal utilizada por aproximadamente um século em publicações, congressos e até manifestações religiosas referentes à igreja católica e à doutrina espírita.

Enquanto todos os outros projetos de línguas auxiliares justificavam a sua criação apenas com o propósito de criar um idioma de comunicação universal, Zamenhof explicava que o seu idioma deveria servir à paz mundial, uma ideologia tanto quanto utópica, porém válida. Na falta de uma nação como identidade da língua, uma identidade foi criada. Porém essa língua também não estava livre de cair em desuso, variações regionais do *esperanto* se desenvolveram de formas tão diferentes entre si que não puderam ser utilizadas como o mesmo idioma. Uma dessas variações derivou no *ido*, um novo idioma auxiliar, também sem sucesso.

Através da exposição rápida da trajetória das línguas universais, foi concluído que os problemas que não as levaram à popularização não são aqueles particulares e sim os que partem já da idéia geral. Desde Descartes, no século XVII, o mundo ouviu falar da busca por uma língua universal, porém é necessário questionar se é algo realmente necessário ou se é apenas mais um mito a cultuar ou mais uma forma resistir à cultura do outro.

Paulo Rónai começa *Babel e Antibabel* (1975) defendendo as línguas universais pelo seguinte motivo: como é possível viver em um território plurilinguístico e conseqüentemente multicultural como a Europa sem que haja uma forma neutra de ligação? Outros linguistas defendem a redução dos gastos com tradução, a União Europeia trabalha com onze línguas em seus documentos oficiais e a ONU, com seis. Ainda é possível citar a democratização do conhecimento, restrito aos bilíngües em inglês que têm acesso a quase cinquenta por cento das publicações científicas.

Investir na criação de uma língua artificial é um exercício linguístico, porém, funciona melhor expondo a erudição do seu inventor do que em sua proposta maior, como já demonstrado em todas as tentativas ao longo dos últimos séculos. Mas os motivos que levam à criação de um idioma não são apenas esses.

As línguas artificiais abrangem outro grupo dentro da sua concepção: é ele o das línguas artísticas, que são idiomas construídos por escritores que buscam autenticar o mundo ficcional – literário ou cinematográfico - através de uma língua que existe somente para descrever a cultura e os acontecimentos ali retratados. Entre as mais populares estão o

---

<sup>7</sup> *A posteriori* opõe-se à expressão *a priori* e, neste contexto, serve para qualificar uma língua artificial construída a partir de uma ou mais línguas naturais (RONAI, 1970)

*klíngon*<sup>8</sup> e o *quenya*<sup>9</sup>, produzidos respectivamente por Marc Okrand, filólogo de *A jornada das estrelas* e J. K. Tolkien o autor de *O senhor dos Anéis*. Ambos são exemplos interessantes, pois apresentaram fatos inéditos nas línguas artificiais. O *klíngon* ganhou uma popularidade grande e acabou sendo aderido por muitos fãs da série como segunda língua. Já o *quenya* ou *élfico* apresenta complexidades incomuns para um idioma construído: além de possuir nove declinações (enquanto o latim tem seis e o alemão quatro) é ainda a evolução de um idioma anterior conhecido como *eldarin comum* ou *élfico primitivo*, assemelhando-se ao processo de evolução das línguas naturais. Tanto o *élfico* como o *klíngon* pertencem aos povos homônimos dentro das obras correspondentes, porém o *quenya* é utilizado apenas como língua cerimonial enquanto que o *klíngon* é de uso cotidiano.

Os inventores buscam demonstrar nos seus idiomas, sejam eles auxiliares ou artísticos, a naturalidade das línguas não construídas. Por mais que já seja conhecido o fato de que as línguas artificiais não cumprem o mesmo papel das línguas naturais, criá-las esperando semelhanças é mais do que comum. Muitos idiomas construídos *a posteriori* têm as suas línguas de influência camufladas.

## 2. O objeto de estudo: A novilíngua

O idioma artificial de Orwell, denominado *newspeak* em inglês e *novilíngua* na tradução de Wilson Veloso para o português, tanto originalmente quanto na tradução, é peça essencial para a compreensão total da obra *1984*. Romance, no qual é possível encontrar, explicitamente, o posicionamento ideológico do autor, e a língua artificial presente na obra, é meio essencial para se chegar às referências estabelecidas pelo escritor entre a ficção e uma situação social real vivenciada por ele. Dessa forma, compreender a *novilíngua* é entender uma crítica, tida como atemporal, sobre a estrutura social.

A *novilíngua*, fundamentada na língua portuguesa será o foco das análises, porém, a utilização da *neolengua*<sup>10</sup>, em espanhol e da original *newspeak* também se fará necessária. Esta versão foi escolhida por diversos aspectos: o primeiro é a relevância que possui dentro do contexto no qual está inserida, sem compreendê-la, a compreensão da obra é superficial; ela é peculiar mesmo no grupo ao qual pertence, enquanto todos os idiomas artificiais camuflam as suas línguas de influência, a *novilíngua* tem seu sentido e forma construídos sobre outra língua<sup>11</sup> (natural); a tradução de Wilson Velloso ainda apresenta características autônomas da versão original *newspeak*, porém, seguindo a proposta de Orwell e sendo coerente com os fatos retratados no romance.

Como dito, a *novilíngua* possui uma construção diferente das outras línguas artificiais. Os seus sentidos são construídos sobre conceitos já existentes. Assim como, as palavras que a compõem são criadas a partir de vocábulos das línguas naturais. Criando assim uma relação, não de dependência, mas de reflexão mútua entre as duas línguas. Esta ligação é estendida, quando se pensa no ambiente ao qual pertencem as línguas naturais e a *novilíngua*, já que a utilização da língua natural na artificial equivale ao uso das características da sociedade real na construção do ambiente distópico.

<sup>8</sup> *About the klingon language*. Klingon Language Institute. Site: <http://www.kli.org> (03/2009)

<sup>9</sup> FAUSKANGER, Helger Kåre. *Curso de Quenya, A mais bela língua dos Elfos*. Editora Arte e Letra, 2004. Tradução BRUM, Gabriel O. Referência alternativa: [http://www.ardalambion.com.br/download/curso\\_quenya.pdf](http://www.ardalambion.com.br/download/curso_quenya.pdf) (12/2008)

<sup>10</sup> Orwell, George. *1984*. Tradutor não creditado. Madrid: Mestas Ediciones, 2008.

<sup>11</sup> A *novilíngua* varia de acordo com o idioma natural para o qual o romance *1984* foi traduzido. Tem-se a *novilíngua* em português, a *neolengua* em espanhol, a *newspeak* em inglês, a *novlangue* em francês.

Exemplificando, a própria palavra que nomeia a língua é entendida sobre conceitos já estabelecidos: *novilíngua* (*Nov* = nova + *i* = vogal de ligação + *língua*). A junção dessas palavras na criação desse nome faz uma primeira referência ao uso de processos de formação de palavras da língua portuguesa, como no caso, a aglutinação de dois elementos através da adição de uma vogal de ligação. Além disso, o uso de léxico do português também é evidente, porém as palavras utilizadas não mantêm seu sentido original e sim formam um novo.

As palavras da *novilíngua*, mesmo sendo dependentes estruturalmente e semanticamente de palavras do português, possuem sentidos únicos, ou seja, não haverá vocábulo no idioma artificial de Orwell que sirva de “tradução” para um termo de uma língua natural, ou seja, as novas palavras designam em intensidade e relevância fatos e coisas de um mundo ficcional de maneira bastante particular.

Na diegese ou narrativa do espaço fictício da Oceania, a *newspeak* foi construída pelo partido do *ingsoc* – um estado autoritário que controla todos os indivíduos, através dos meios de comunicação, cotas dos itens básicos de sobrevivência e alto controle policial – espaço a partir de uma ‘simplificação’ radical do inglês, ou seja, uma diminuição proposital de léxico, pois o intuito do partido era reduzir as possibilidades de pensamento. Por exemplo, pensavam eles que se houvesse o apagamento da palavra liberdade, o conceito, e conseqüentemente, a própria liberdade desapareceriam.

Externamente analisada, a *novilíngua* acusa o pensamento de Orwell sobre a revolução russa de 1917 e a organização social em geral. Isso ocorre porque a língua artificial é formada por uma série de conceitos questionáveis. Nem uma palavra da *novilíngua* pode ser compreendida superficialmente ou sem algum significado político que não remeta a uma reflexão sobre a situação real da coletividade humana.

### 3. Metodologia

A partir dos pressupostos apresentados, o objetivo desse trabalho é analisar a construção morfológica peculiar da *novilíngua* em comparação, primordialmente com o português, mas também com outras traduções da *newspeak* (versão inglesa e original). Os processos de construção dos vocábulos (CAMARA JR, 1970) serão observados, pois através deles será possível identificar como o léxico da língua natural foi utilizado pelo autor.

Compreendidas as palavras em seu aspecto formal, será a vez de analisá-las quanto aos seus sentidos. Para tal, será utilizado um modelo de *descrição semântica lingüística* de análise do discurso proposto por Ducrot em *Dire et ne pas dire*<sup>12</sup> e explanado por Carlos Vogt em seu livro *Linguagem, Pragmática e Ideologia*<sup>13</sup>.

Nesses livros ao mesmo tempo em que modelos de descrição semântica são sugeridos, a possibilidade de criá-los ou não é relativizada. Aqui, apenas adota-se um deles como meio de sujeitar os enunciados a uma análise de sentido.

<sup>12</sup> DUCROT, Oswald. *Dire et ne pas dire*. Paris: Hermann, 1972.

<sup>13</sup> VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1980.

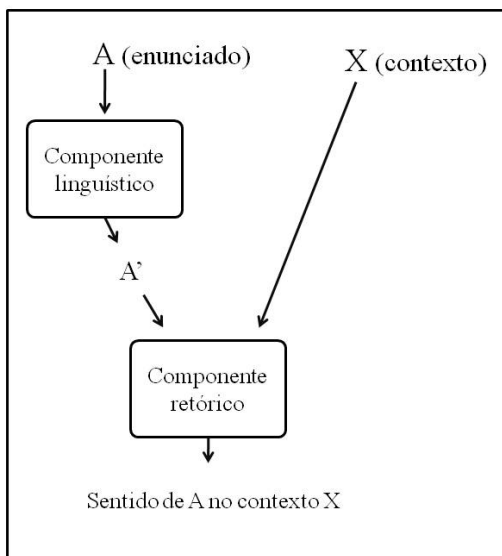


Figura 2. Ilustração do modelo<sup>14</sup>

Para A, tem-se o enunciado, isto é o texto literário visto como discurso. Para A' tem-se o cálculo referente estritamente ao enunciado, não levando em consideração as circunstâncias da enunciação, ou X. Após a atribuição de significação ao próprio enunciado, ou após passada a etapa do componente linguístico, busca-se no componente retórico o sentido de A em X.

Quanto ao propósito de explicar o sentido das palavras que constituem a carga ideológica da língua artificial, é importante observar que ela possui um caráter duplo. Dentro do romance ela é a língua do estado, um meio de repressão do pensamento, das ações e ainda funciona como propaganda política. No entanto, externamente, a *novilíngua* é um instrumento que leva ao exercício do pensamento, do questionamento político.

Essa ambiguidade semântica é retratada também na morfologia das palavras. A maioria delas é formada pela aglutinação de vocábulos com sentidos aparentemente incompatíveis, tais como *crimidéia* (crime de idéias) ou *impessoa* (não pessoa). Outras acabam obtendo a forma oposta ao sentido como em *alegriacampo* que, na verdade, quer dizer *campo de trabalhos forçados*.

Então, através da hipótese apresentada a respeito do caráter ambíguo e político da *novilíngua* e das relações supostas entre ela e a língua portuguesa, as análises serão apresentadas a fim de permitir não só uma possível interpretação do idioma artificial, como também o questionamento de conceitos presentes nas línguas naturais que se tornaram imóveis e inquestionáveis pela comodidade diante da organização social que não contempla a necessidade de todos os indivíduos, são essas noções a de estado, mídia, alienação, democracia, sociedade, individualidade, crime e ideologia.

<sup>14</sup> Esquema 2. DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987. Página 16.

#### 4. Análises

**4.1. Facecrime** (em *novilíngua*) quer dizer expressão facial que mostra descontentamento (em português)

*Facecrime*  
/   \

**Face   criminosa**

Em *facecrime*, o processo é de composição por justaposição. Os morfemas lexicais ‘face’ e ‘crime’ são justapostos em uma só palavra, **face-** mantém o significado de *expressão facial*, como em português, enquanto que **-crime** é problematizado. Pois, em *novilíngua*, crime é a não colaboração com as leis impostas pelo estado e mostrar descontentamento é uma delas. A união das duas palavras acaba formando o sentido de ‘*postura de descontentamento*’ quando contextualizada. Lembra-se que a palavra ‘crime’ em *novilíngua* não se refere à violação dos mesmos atos que são considerados crimes nas sociedades das línguas naturais, isto é, ao menos no que se trata de regimes ditos democráticos. Porém ‘crime’ no partido do Grande Irmão, também implica castigo.

A escolha da palavra ‘crime’ pelo autor é curiosa porque tem-se como crime a expressão facial do descontentamento. Sentimento que, na sociedade real, não é considerado crime. Neste sentido, é possível traçar um paralelo:

- a) Facecrime = Face do crime (em português)
- b) Facecrime = Crime da face (em *novilíngua*)

A forma como os radicais foram somados, não permite com a ausência do contexto, que o leitor da palavra compreenda qual é o substantivo principal, causando confusão no sentido. Este é um preceito geral da *novilíngua*, provocar a incompreensão ou embaralhamento dos sentidos.

Na língua portuguesa, normalmente palavras compostas por justaposição, são unidas através do hífen, porém existem algumas exceções como ‘passatempo’, formado por um verbo qualificador mais um substantivo. Isso comprova que, apesar do uso que o tradutor da *novilíngua* faz do português e seus processos de formação, ele não segue algumas regularidades da língua natural, ao contrário, cria algumas relativas à sua língua artificial.

##### 4.1.1. Quanto à formação de sentido

“Era terrivelmente perigoso deixar os pensamentos vaguearem num lugar público, ou no campo de visão duma *teletela*. A menor coisa poderia denunciá-lo. Um tique nervoso, um olhar inconsciente de ansiedade, o hábito de falar sozinho – tudo que sugerisse anormalidade, ou algo de oculto. De qualquer forma, uma expressão facial imprópria (ar de incredulidade quando enunciavam uma vitória, por exemplo) era em si uma infração punível. Em *novilíngua* havia até uma palavra para caracterizá-la: chamava-se *facecrime*.” (ORWELL, 2008, p. 66-67)

Componente linguístico<sup>15</sup>

A. Posto: Expressar facialmente inadequação ao regime é crime.

---

<sup>15</sup> Os conceitos de posto e pressuposto são utilizados de acordo com DUCROT, Oswald. *Pressupostos e subentendidos, a hipótese de uma semântica lingüística*. In: DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. São Paulo: Pontes, 1987

A'. Pressuposto: Não é permitido expressar-se livremente ou reagir ao estado, mesmo que se trate de reações involuntárias.

Componente retórico<sup>16</sup>

Sentido': O indivíduo deve se autocondicionar constantemente, isto é, reprimir suas reações, a fim de evitar o castigo pelo *facecrime*

Após as análises, sabe-se que em *facecrime* o substantivo principal é 'crime', pois justapô-lo à face é uma forma de restringir as possibilidades de expressão ao máximo. Dessa forma, através deste vocábulo, já é possível compreender a intensidade do autoritarismo neste sistema.

No que concerne à realidade, esta palavra auxilia na compreensão do conceito de 'crime'. Da mesma forma que um movimento banal facial é visto como 'crime' na distopia que tem sua regra respeitada e não questionada, na sociedade de uma maneira geral, as regras não são questionadas: um crime cometido por um componente do estado é visto da mesma forma que o mesmo cometido por um cidadão comum? Como a formação destas regras, que até certo ponto são necessárias no convívio em grupo, atinge o estado ou contribuem com ele?

**4.2. Impessoa** (em *novilíngua*) quer dizer estado de um indivíduo resultado da *vaporização* (ato de vaporizar) ou indivíduo morto pelo estado (em português)

*Impessoa*

Prefixo de negação pessoa

Nesse vocábulo, ocorre a derivação da palavra *pessoa* para o seu oposto, o prefixo – **im** é adicionado construindo a negação da palavra ou antônimo. Esse é um processo bastante comum em português: pessoal/impessoal, moral/imoral, permeável/impermeável, o que faz com que a palavra seja compreendida, apesar do estranhamento causado pelo sentido de “não pessoa”. Esse termo, assim como *dupliplusimbom*, apresenta uma característica recorrente da *novilíngua*, pois mesmo que a palavra *impessoa* transmita o sentido de ‘*pessoa inexistente*’, o sufixo –**im** não conserva os sentidos de *morto*, *desaparecido*, *ruim*, *mau*. A lógica aplicada à *novilíngua* é a de que comprimir palavras resulta na restrição de pensamento.

Ainda sob este aspecto, a adição do sufixo –**im**, serve ao propósito de redução das possibilidades do pensamento uma vez que aproxima determinado adjetivo do seu oposto. Por exemplo, quanto mais próximos forem ‘bom’ e *imbom* no sentido formal (bom e mau no português), mais facilmente será causada a confusão das significações e menos o indivíduo saberá medir o que bom ou mau para si e para o meio que pertence.

#### 4.2.1 Quanto à formação de sentido

Winston não sabia por que Withers se desgraçara. Talvez por incompetência ou corrupção. Talvez o grande irmão apenas desejasse se livrar de um subordinado demasiado popular. Ou quem sabe Withers, ou alguém ligado a ele tivesse sido suspeito de tendências heréticas. Ou quiçá, - era o mais provável - a coisa tivesse sucedido apenas porque os expurgos e as vaporizações em parte necessária da mecânica do governo. A única revelação positiva estava nas palavras ‘Refs impessoas’, que indicavam que Withers já morrera.” (ORWELL, 2008, p.53)

<sup>16</sup> O cálculo do componente retórico deve chegar ao sentido, conceito explanado em DUCROT, Oswald em *A descrição semântica em linguística*. In: DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. São Paulo: Pontes, 1986.

#### Componente linguístico

A. Posto: *impessoa* significa pessoa morta pelo governo por motivo de seu comportamento ou não.

A'. Pressuposto: O partido do grande irmão mata cidadãos.

#### Componente retórico

Sentido': O extermínio de sujeitos é um dos fatores que compõem o regime do *Ingsoc*, partido que domina o território da Oceania. É possível concluir que o vocábulo '*impessoa*' expressa a tentativa do estado de ocultar suas ações negativas, tendo em vista que os sentidos das palavras que dialogam com o verbo 'matar' são difíceis de terem seus traços negativos manipulados.

Simultaneamente em que esta palavra distancia o estado da Oceania da morte de alguns cidadãos, ela induz os outros a pensarem que os executados nunca existiram. Novamente seguindo a lógica da distorção dos sentidos, neste caso, trata-se da confusão entre o que um dia existiu e o que nunca existiu: "Porém Syme não estava apenas morto, fora abolido, era uma *impessoa*."

### 4.3. *Ingsoc* (em *novilíngua*) nome do partido e sistema econômico da Oceania

**Ingsoc**

/ \

**Inglês**

**Socialismo**

*Ingsoc* é formada através da composição por aglutinação. Este é principal processo formador de palavras na *novilíngua*, mesmo que não esteja presente nos dois vocábulos anteriores. O problema a ser solucionado agora é o motivo da recorrência deste processo nas palavras do idioma de Orwell. Provavelmente seja porque, de todos os procedimentos de formação de palavras da língua portuguesa, a composição por aglutinação é a única que aceita a perda de elementos. Então, é possível observar na *novilíngua* que, os elementos perdidos em uma aglutinação não podem ser recuperados em outras circunstâncias, por exemplo, a substituição de *mau* pelo sufixo **-im**. Na língua artificial só haverá uma possibilidade. Outro fenômeno é a permanência de um terceiro sentido em uma palavra composta por dois morfemas lexicais, como em *crimideia*, onde não predomina o sentido de crime, nem de ideia, mas sim de oposição ao estado.

No caso de *Ingsoc*, a perda de elementos se estende até a supressão da carga ideológica de 'socialismo'. Isso ocorre porque a presença do sentido de 'socialismo' colocaria o *Ingsoc* ou partido do Grande Irmão em obrigação de proporcionar igualdade social aos habitantes da *Oceania*. Sabe-se que não é verdade, esta sociedade é dividida em quatro níveis: o Grande Irmão, o *partido interno*<sup>17</sup>, o *partido externo*<sup>18</sup>, os *proles*<sup>19</sup>. Como narra Orwell sobre a estrutura:

"No alto da pirâmide está o Grande Irmão. O Grande Irmão é onipotente. Cada sucesso, realização, vitória, descobrimento científico, toda sabedoria, sapiência, virtude, felicidade, são atribuídos diretamente a sua liderança e inspiração. Ninguém nunca viu o Grande Irmão. É uma cara nos tapumes, uma voz das *teletelas*. Podemos

<sup>17</sup> O *partido interno* constitui-se dos governantes da *Oceania*. Eles se diferenciam pelo uniforme preto, não entram nos racionamentos e têm o direito de desligar suas *teletelas*. (ORWELL, 2008)

<sup>18</sup> O *partido externo* é um grupo intermediário que se situa entre o *partido interno* e os *proles*. Eles são afetados pelos racionamentos de comida, bebida e roupas, mas possuem '*suficientemente*' estes itens. São vigiados constantemente por suas *teletelas*. (ORWELL, 2008)

<sup>19</sup> A expressão '*proles*' pertence à *novilíngua* e se relaciona diretamente com 'proletariado'. Na *Oceania*, esta classe não precisa utilizar uniforme e é excluída do sistema de racionamento e do controle do estado. (ORWELL, 2008)

ter certeza de que nunca morrerá, e já existe considerável incerteza da data em que nasceu. O grande Irmão é forma em que o partido resolveu se apresentar ao mundo. Sua função é a de ponto focal para o amor, medo, reverência, emoções que podem mais facilmente ser sentidas em relação a um indivíduo que a uma organização. Abaixo o Grande Irmão vem o partido interno, com seus 6 milhões de membros, ou seja, menos de 2 por cento da população da *Oceania*. Abaixo do partido interno, vem o externo, que pode ser chamado de mãos do estado se ao primeiro se atribuir o papel de cérebro. Abaixo deles vem a massa muda a que nos referimos habitualmente por ‘*proles*’ e que talvez constitua 85 por cento da população.” (ORWELL, 2008, p.191)

É possível ver nessa descrição elementos presentes nas estruturas sociais reais, capitalista ou comunista. Se for levada em consideração a experiência e produção bibliográfica do autor, trata-se de uma crítica ao Partido Comunista russo, que promoveu uma revolução utilizando a força do proletariado, mas que logo depois de vencer, o esqueceu<sup>20</sup>. A formação de palavras por aglutinação, utilizada na construção da *novilíngua*, é também uma forma de questionar a memória da sociedade. Sabendo que em *Ingsoc*, os princípios do socialismo não estavam mais presentes, é possível colocar a seguinte questão: os grupos socialistas da sociedade real mantêm suas convicções ideológicas mesmo depois da chegada ao poder?

#### 4.3.1 Quanto à formação de sentido

“Acreditava nos princípios do *Ingsoc*, venerava o Grande Irmão, rejubilava-se com as vitórias, odiava os hereges, não apenas com sinceridade, mas com o zelo incansável.” (ORWELL, 2008, p. 61)

##### Componente linguístico

A. Posto: Alguém adere aos princípios do *Ingsoc*.

A’. Pressuposto: o *Ingsoc* é uma organização que apresenta princípios, dentre eles venerar o Grande Irmão.

##### Componente retórico

Sentido’: O *Ingsoc* condiciona ou leva os indivíduos ao autocondicionamento. Pode-se observar esse fato no uso do verbo ‘venerar’ para descrever a relação do cidadão da *Oceania* com o Grande Irmão; ‘rejubilar’ para referir-se às vitórias; e ‘odiar’ para fazer menção aos hereges. Os três verbos possuem traços radicais e resultam de um comportamento que não reage às imposições do estado. Em outro momento do texto vê-se esse fato: “Não tinha na conversação outros assuntos além dos princípios do *Ingsoc*, e nenhum objetivo na vida exceto a derrota do inimigo eurasiático e a perseguição de espiões, sabotadores, ideocriminosos e traidores em geral.” (ORWELL, 2008, p.53)

A vida do cidadão da *Oceania* se resume às atividades que convêm ao *Ingsoc*. Uma delas é a criação da *novilíngua* que em si, resume os princípios do partido. Da mesma forma que os cidadãos devem fazer ações de acordo com as necessidades do *Ingsoc*, eles devem também pensar de acordo com estas necessidades. É este aspecto que torna a *novilíngua* uma peça importante do sistema: “*Novilíngua* é *Ingsoc* e *Ingsoc* é *Novilíngua*” (ORWELL, 2008, p. 59)

---

<sup>20</sup> Orwell repete essa mesma crítica em ‘A revolução dos bichos’ (ORWELL, 2007)

## 5. Conclusão

A *novilíngua* suscita, por meio da linguagem, a relação entre as instituições de poder, que neste caso se trata do estado, e discurso. Visa-se aqui a observar a inserção da linguagem nas atividades de uma minoria dominante sob a maioria. Neste eixo, Orwell defende, através da narrativa, que a forma como a língua é usada e disseminada pelos detentores do poder em um determinado sistema interfere na vida e na liberdade do cidadão comum.

O discurso autoritário presente no romance não se constitui de uma forma imperativa. Dessa forma, como seria possível falar em interferência na liberdade do indivíduo? Em *1984*, não há a restrição das ações, e sim a restrição da vontade de fazê-la. O domínio está no nível das idéias e é devido a este mecanismo de condicionamento que a *novilíngua* é necessária.

O autor criou uma língua em que muitos termos/conceitos desaparecem, são eles os que remetem à religião, à liberdade, chegando àqueles que emitem quaisquer juízos de valor que possam ser contrários aos impostos pelo estado. E neste exercício de manutenção do poder, a *novilíngua* mexe com a memória dos sujeitos que a falam, já que, como visto em *Ingsoc*, o sentido de ‘socialismo’ anterior à revolução foi perdido para dar lugar ao sistema do Grande Irmão. Assim, a palavra que antes poderia significar igualdade passa a designar totalitarismo.

Se for estabelecido um paralelo com a realidade, é possível pensar no movimento rápido de informações na atualidade que torna complexa a relação dos sujeitos com os fatos que ocorrem ao seu redor. Hoje, assim como Orwell anteviu, é necessário relevar a origem da informação e relacioná-la com um repertório de conhecimento anterior.

Orlandi em *Políticas linguísticas na América Latina* (1988) retoma o discurso do gramático português Pero Magalhães Gandavo (1540-1580) em que ele expõe, já no século XVI, a lógica da *novilíngua* ao se referir ao extermínio das línguas tupis-guaranis:

“Tudo isso parece apontar para um fato único: acelera-se o extermínio do povo, via apagamento da língua, procurando se omitir de nosso passado as marcas de um povo tão primitivo que seu idioma carece de três letras: não se acha nele F, nem L, nem R, causa digna de espanto, porque assim não tem fé, nem lei, nem rei.” (GANDAVO *apud* ORLANDI, 1988, p. 36)

Impor uma nova língua a um povo, assim como ocorre em situações de colonização e é ilustrado em *1984*, remete ao apagamento dos costumes. Extinguir a língua é extinguir uma série de idéias e vivências. Através da *novilíngua*, o estado deseja deslocar o foco de tudo que possa ser relativo à democracia para um novo regime, por esse motivo a restrição de palavras equivale ao apagamento do passado.

Pode-se concluir que a imposição do português ao povo que não o falava acarretou a adoção do sistema de regras e ideologias que o compunham. Inevitavelmente, extinguindo a organização social anterior os indivíduos condicionaram-se a uma nova cultura.

Neste ponto se alcança a importância de explorar o discurso, pois, como apresentado pelo autor de *1984*, é por meio dele que a situação e as relações sociais são apresentadas. Manter-se atento ao discurso das mídias, do estado e das instituições que o compõe é, de certa forma, estabelecer-se em um espaço de lucidez que auxilia o indivíduo a resistir ao condicionamento.

## Referências

- About the klingon language*. Klingon Language Institute. Fonte URL: <http://www.kli.org> (03/2009)
- BASILIO, Margarida. *Formação de classes e palavras no português do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- CALVET, Louis-Jean. *As políticas lingüísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Dire et ne pas dire*. Paris: Hermann, 1972.
- FAYE, Henrique. Les contre-Utopies. *Dossier du Magazine littéraire*, n.387, p. 26-29, 2000.
- FAUSKANGER, Helger Kåre. *Curso de Quenya, A mais bela língua dos Elfos*. Editora Arte e Letra, 2004.
- GAJEWSKI, Boleslas. Solresol or the universal language of François Sudre. Fonte URL: <http://www2.polarnet.com/~srice/solresol/sorsoeng.htm> (05/2009)
- KOCH, Ingedore Villaça; SILVA, Maria Cecília P. de Souza. *Lingüística aplicada ao português: Morfologia*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- NÉRÉ, Jacques. *História contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1991.
- ORLANDI, E. P. *Políticas lingüísticas na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988.
- ORWELL, George. *1984*. Madrid: Mestas Ediciones, 2008. Tradutor não creditado.
- \_\_\_\_\_. *A revolução dos Bichos: Um conto de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Tradução Heitor Aquino Ferreira.
- \_\_\_\_\_. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. Tradução Wilson Veloso.
- RÓNAL, Paulo. *Babel e Antibabel*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- STÖRIG, Joaquim Hans. *A Aventura das Línguas*. São Paulo. Companhia Melhoramentos, 1990.
- QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Ligia; OLIVEIRA; Márcia. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim, Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1980.